

AGRUPAMENTOS LGBT: CUIDADO, RESISTÊNCIA NOS AGRUPAMENTOS ESCOLARES
GROUPINGS LGBT: CARE, RESISTANCE IN THE SCHOOL GROUPINGS

Elvis Justino⁰

RESUMO

Este artigo discute as transformações da família e ao longo dos tempos e o impacto na normatização das identidades e sexualidades. Destaca-se como o patriarcado e o machismo são propulsores das violências LGBTfóbicas e como a escola necessita de mudanças estruturais e na formação dos profissionais da educação para promover a valorização das diversidades e os Direitos Humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcado. Identidade de gênero. Sexualidade. Violência.

ABSTRACT

This article talks about the changes of the Family and ages and the impact in the standardization of the identities and sexualities. It is important to realize how the patriarchy and machism are main responsible of the LGBTfobic violences and how the school needs of the structure changes and in the educational training of the teachers promoting the valorization of the diversities and the human rights.

KEYWORDS: *Patriarchy. Gender Identity. Sexuality. Violence.*

⁰ Graduando em Gestão pública; militante LGBT



INTRODUÇÃO

Para entendermos o mundo moderno e todos os males que o assombram precisamos compreender como formou. Para Engels (2009, p. 18) até o início do ano de 1860, não se pode falar de uma história da família. Nesse domínio, as ciências históricas ainda se encontravam sobre a influência do Pentateuco dos livros de Moisés. Até então acreditava-se que a família moderna e burguesa não teria passado por nenhuma evolução, com normas sexuais e posições do que cada gênero pode fazer na sociedade.

O autor ainda afirma que o mundo conhecia algumas formas de poligamia no Oriente médio e a poliandria⁸ na Índia e no Tibet. Tinha-se o conhecimento de que em tribos da África e da América do Sul e até mesmo na Ásia, tinham sua linhagem e descendência contada pela genética da mãe e não do pai como é na sociedade contemporânea.

Em 1961 surge o livro de *Direito materno* do antropólogo suíço Johann Jacob Bachoffen (1815 -1887). Em sua obra de 1861 o *Direito Materno* ele defende e reúne documentos que comprovam que todas as sociedades tiveram sua origem no matriarcado e com isso ele torna-se uma base para as teorias sobre o matriarcado (1886 apud ENGELS, 2009, p. 19).

Em um dos documentos apresentados por Bachoffen, Engels comenta sobre a peça Grega de uma trilogia de Ésquilo (a.c. 525–

a.c.456) no qual interpreta a peça como o declínio do matriarcado e o direito paterno que conseguiu emergir e triunfar durante a época das epopeias. (1886 apud ENGELS, 2009, p. 20)

Jhon Ferguson McLennan (1827-1881) foi o jurista sucessor de Bachoffen e em sua obra ele cita várias tribos indígenas, africanas, árabes e até mesmo muitas civilizações antigas e modernas que nos traz uma visão jurídica sobre o assunto, citando inúmeras tradições nas quais o noivo tem que raptar a noiva de forma violenta para se casar-se com ela.

Em algumas tribos era proibido o casamento entre pessoas da mesma tribo, o que obrigava os homens a buscar mulheres em outros agrupamentos. Em contrapartida, existia grupos que obrigavam os homens de sua tribo a buscarem mulheres em seu próprio grupo. MacLennan chama o primeiro grupo de tribos exógamas e o segundo de endógamas (1886 apud ENGELS, 2009, p. 23).

Percebe-se que Engels fez um estudo detalhado da família, mas, pouco cita sobre algumas práticas sexuais bem comuns na época, em tribos indígenas sul-americanas onde o incesto era algo comum ou até mesmo a homossexualidade.

Para Fhegali (2011) a maior prova de que a homossexualidade era algo comum entre tribos indígenas brasileiras e de que ela era uma prática comum entre os indígenas aqui no Brasil, em 1587 o agricultor e empresário português em sua obra, *O Tratado descritivo do Brasil*, refere-se à homossexualidade como um pecado bem

⁸ Estado de uma mulher que é casada com vários homens.



aceito entre os indígenas. Podemos ir além dos tupinambás, o missionário francês Jean de Léry (1536- 1613), em 1556, ele passou um tempo com a tribo indígena dos tupinambás, sendo em sua obra prima *História de uma viagem feita ao Brasil* de 1578 cita algumas práticas da tribo Bororo 'os mancebos da tribo bororo se relacionam entre si com toda a naturalidade'. Ainda segundo o autor, outras tribos como a Guaicuru tinha até mesmo cavaleiros travestidos de mulheres, o que nos leva a observar que até mesmo a transexualidade era algo muito comum e bem aceito na época por muitas tribos brasileiras.

A homossexualidade sempre foi uma prática comum nos povos da antiguidade, mudando com a chegada do patriarcado, estabelecendo que o homem seja o centro da família, conseqüentemente acarretando o machismo.

Segundo Engels (2009, p. 64), o homem passa a ter o poder nas famílias pré-monogâmicas sendo que "nesse estágio, um homem vive com uma mulher, mas de forma tal que a poligamia e a infidelidade ocasional permanece direito dos homens".

Nesse tipo de formação familiar podemos observar que já começa a existir o nascimento do machismo no qual o homem começa a exercer poder sobre a mulher e a ter direitos sobre ela. Engels (2009, p. 64) afirma que "na maioria dos casos, exige-se da mulher a mais rigorosa fidelidade enquanto dura a vida em comum, sendo o adultério destas castigado de maneira cruel." Porém, na pré-monogamia ele afirma "que o casamento é algo muito facilmente dissolúvel por ambas as partes isso de certa forma ainda deixa a mulher com um certo poder pois o

casal se separando os filhos pertence exclusivamente a mãe".

Esse tipo de família se desenvolve na pré-história diante de uma seleção natural de tribos que adotam esse tipo de núcleo familiar, saindo na frente tanto fisicamente como mentalmente, se voltando dessa maneira para a monogamia. Na era bíblica mostra-se que assim como a humanidade evoluiu igualmente o núcleo familiar, evoluiu também todos os males do patriarcado, pois uma família com mais filhos tem mais mão de obra, se possuem mais mão de obra, possui mais bens se possui mais bens, possui mais poder.

Para Engels (2009, p.72):

[...] a quem, no entanto, pertencia essa nova riqueza nova? Não há dúvida que, em sua origem, pertencia á gens. mas bem cedo deve ter-se desenvolvido a propriedade privada dos rebanhos .É difícil dizer ,para o autor do primeiro livro chamado Moises, o patriarca Abraão aparecia como proprietário de seus rebanhos como direito próprio ,por ser chefe de uma comunidade de famílias ou em virtude de seu caráter de efetivo chefe hereditário de uma gens .

Podemos observar que na era pré-monogâmica o homem passa a ter um papel central nas decisões da família e ter o poder sobre as riquezas acumuladas, no qual a mulher começa a ser parte dessa riqueza como um objeto de reprodução para o fortalecimento da própria família. Observamos isso na história do patriarcado das três maiores religiões do planeta Terra o Cristianismo, Islamismo e o Judaísmo .

Abraão segundo o livro de Gênesis, já tinha idade avançada e não podia ter filhos e



Sara sua mulher, teve a brilhante ideia de sua escrava ter um filho com seu marido para sua genealogia continuar de forma sanguínea. Nesse relato observamos a mulher como um objeto e servindo apenas para procriação.

O homem com esse tipo de formação de família precisava procriar e quanto mais mulheres melhor para crescer a família e fortalecê-la. A esse respeito Engels (2009, p. 70) afirma que:

[...] a derrocada do direito materno foi a derrota do sexo feminino na história universal. O homem tomou posse também da direção da casa, ao passo que a mulher foi degradada, convertida em servidora, em escrava do prazer do homem em mero instrumento da reprodução.

O machismo vai se consolidando e tomando estrutura onde o homem é o centro de tudo e a mulher uma mera coadjuvante. Em muitas civilizações isso acaba por ser suavizado, mas jamais eliminando o machismo ou até mesmo o pensamento de que a mulher tem que reproduzir e servir de objeto de prazer para os homens.

AS VÁRIAS FACES DA LGBTFOBIA

No Brasil, uma pesquisa feita pela Faculdade Latina Americana de Ciências Sociais com apoio da ONU comparou dados de 2003 a 2013 do Ministério da Saúde onde apontou que 13 mulheres são mortas no Brasil por dia e as mais atingidas são as negras e pobres.

Quase todos os casos das mulheres que são assassinadas ocorrem porque se

negam a ter um relacionamento com o homem, que acabam as matando por se sentirem o *macho* que tem direito sobre a matilha e deve ser respeitado a todo custo, mesmo que impondo suas vontades sobre as da mulher.

As grandes religiões que vieram do patriarcado tem responsabilidade sobre casos como esses, pois no Brasil, pastores e padres pregam que a mulher deve sempre perdoar o seu marido mesmo que o mesmo tenha cometido adultério. Infelizmente o inverso não é dito.

Há sempre dois pesos e duas medidas completamente diferentes, podendo gerar o seguinte questionamento: Qual a relação disso com a lgbtFOBIA e as escolas?

Podemos ver até aqui como a sociedade e a família se transformaram ao longo dos tempos até chegar na era monogâmica. Vimos que a homossexualidade era algo normal para os povos originais do Brasil, que ao ter contato com o cristianismo mudaram toda sua forma de conduta.

A igreja atual é comandada por homens heterossexuais que ao longo dos milênios tem estado no poder e dominar as práticas sexuais e padronizá-las mantendo o controle sobre a sua comunidade. Uma das estruturas do machismo é ter o homem como o 'macho alfa' reprodutor, por isso a igreja defende que ele não pode ser homossexual ou transexual.

Quando combatemos a LGBTfobia temos que entender a raiz dos problemas e isso nos leva a compreender como a família evoluiu e junto com ela o machismo. O machismo é uma ideologia estrutural que vem se solidificando por milênios de anos. Na



escola a prática do *bullying* tem como alvo favorito crianças e adolescentes.

Em 2016 foi apresentado o resultado de uma pesquisa realizada em parceria com organização dos Estados Íbero Americanos e Ministério da Educação - *Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas* demonstrou que os a maioria das pessoas não gostaria de ter como colegas de classe pessoas do segmento LGBTT.

Essa constatação é bem significativos mostrando o quanto a juventude está inserida em temas polêmicos como esse do casamento igualitário e suas posições sobre o assunto.

Na pesquisa ainda é possível perceber o quanto o machismo tem influenciado nas decisões das pessoas. Entre as pessoas do sexo feminino a aceitação do casamento igualitário é de 54,3 isso é um pouco mais que a metade, enquanto entre homens esse número de aceitação cai para 39,6, os que não concordam segundo o sexo são de 45,7 feminino e de 60,4 entre o masculino o que mostra o quanto o conservadorismo é um braço do machismo.

A pesquisa ainda ressaltou que alunos são favoráveis que se trabalhe temas ligados ao preconceito principalmente sobre a LGBTfobia e sexualidade.

Muitos podem afirmar que a religião é a base para tanto preconceito, mas podemos analisar dados feitos na Marcha para Jesus, segundo o *El País* publicado em 18 de junho de 2017 que 77% das pessoas participantes concordam com a frase “a escola deveria ensinar a respeitar os gays”.

Podemos constatar que para a maior parte dos evangélicos não acreditam ser errado a escola combater o *bullying*

LGBTfóbico, mas para a bancada evangélica isso contraria a Constituição Federal e a Bíblia.

Muitos deputados da bancada da Bíblia sempre dizem que não existe LGBTfobia no ambiente escolar, mas olhando o depoimento do militante histórico Luís Arruda membro da *Rede Mães Pela Diversidade, Revolta Da Lâmpada* e *GADVS (Advogados pela diversidade)* ele afirma como foi entrar no ambiente escolar

Ao chegar na escola na primeira série do ensino fundamental, no primeiro dia, as primeiras palavras de seus colegas foram Bicha! Bicha! Bicha!’ e daí para frente eu sabia que minha vida seria um inferno e foi. Muitas vezes pensei em desistir dos estudos, mas resisti e fiquei firme.

Essa é uma história muito parecida com milhares de outras onde vemos crianças com as suas *zueiras* ou brincadeiras “inocentes” que acabam ofendendo e com o tempo obrigando a pessoa LGBT a se afastar da escola ou pedir transferência para outra. Muitos não aguentam a pressão e acabam tirando a própria vida. O machismo é um sistema opressor que vem ceifando vidas por todo o Brasil e a educação é uma das armas de defesa.

A adolescência no Ensino Médio o quanto é difícil ser um LGBT. Há agressões de forma gratuita e acontecem a todo momento sem que alguém ao redor se preocupe ou ao menos seja solidário com a pessoa que está sofrendo a agressão. Infelizmente nem todos os profissionais da educação estão preparados para evitar o ciclo da violência.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida escolar que deveria ser um lugar de aprendizado acaba se tornando um lugar de tormento levando muitos jovens a pensar no suicídio como forma de saída ou até mesmo levando muitos a depressão.

Há um mau preparo das instituições para lidar com essas questões tão complexas que é a sexualidade humana e a identidade de gênero.

Mesmo com a alta frequência de agressões é comum alunos agredidos afirmarem que nunca ter visto a intervenção de um responsável. Assim como, destacar que temas sobre sexualidade e identidade de gênero nunca foram abordados em sala de aula ou forma apresentados de forma negativa.

O sistema heteronormativo e machista precisa ser mudado nas bases tanto na escola quanto na cultura do povo brasileiro. A escola tem que estar melhor preparada para lidar com essas questões e fazer o ambiente escolar o mais tranquilo e acolhedor possível. Um profissional da educação não pode interferir na orientação sexual ou identidade de gênero de um aluno e sim ajudá-lo a se preparar para a sociedade.

No entanto, muitos alunos LGBT encontram soluções para poder sobreviver a um ambiente tão hostil como esse e procuram formar famílias LGBT como coletivos de pessoas do segmento que se auto protegem da sociedade heteronormativa. Andar e viver em grupos para se defender inclusive nas escolas é uma estratégia de sobrevivência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Juventudes, sentidos e buscas: Por que frequentam?**. Brasília (DF): Flasco/ MEC, 2015. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf>. Acesso em: 22 ago 2017.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 3. ed. São Paulo: Escala, 2009.

EL PAIS. Marcha para Jesus não confia nos políticos e defende respeito aos homossexuais nas escolas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/16/politica/1497624155_222166.html>. Acesso em: 21 ago 2017.

FEGHALI, Rafael. **Os índios brasileiros e a homossexualidade**. 2011. Disponível em: <<http://antropologiageral.blogspot.com.br/2011/02/os-indios-brasileiros-e.html>>. Acesso em: 13 ago. 2017.